

LÍNGUA DE SINAIS: UMA INTERVENÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL ATRAVÉS DO BRINCAR DE FAZ DE CONTA

Coordenador: LILIANE FERRARI GIORDANI

Autor: LIA GONCALVES GURGEL

Este projeto de extensão propôs desenvolver atividades durante o período de dois meses em um espaço de atendimento educacional com criança surda em turma de ouvintes. Neste tempo foram realizadas atividades, uma vez por semana, no Centro Social Marista com turmas de crianças entre 4 a 7 anos. Nosso foco é trabalhar em Língua de Sinais algumas palavras relacionadas às histórias encenadas e contadas para os alunos, tendo em vista a compreensão de alguns sinais e da experiência visual que esta língua envolve. Como este projeto está em andamento, estamos na etapa de execução das atividades, propondo intervenções linguísticas através do uso da imaginação. Para isso, inicialmente, fizemos o reconhecimento do espaço, a fim de entendermos o contexto da instituição e dos alunos envolvidos. Desta forma, a cada dia previsto para o desenvolvimento das atividades, nos baseamos em alguns clássicos da literatura infantil para contar, obras adaptadas para o contexto cultural dos surdos. Para tanto, são realizadas dramatizações e em seguida ensinamos, para esses alunos, os sinais que estão relacionados à história apresentada. No primeiro dia, o foco foi sensibilizar o olhar para a diferença entre os pares, uma estratégia para a percepção de que todos somos diferentes um dos outros, sendo encenado a história da "Chapeuzinho Vermelho" através de uma adaptação livre, voltando a história para as vivências dos surdos no seu cotidiano. As outras histórias apresentadas foram "Cinderela surda" e "Patinho Surdo", duas obras escritas pelos seguintes autores: Fabiano Souto Rosa, Lodenir Becker Karnopp, contando com as ilustrações de Carolina Hessel. Dois desses autores são surdos e a outra está inserida na comunidade surda. Em todas as histórias aparecem personagens surdos tendo em vista a curiosidade dos alunos pela língua utilizada por este personagem, estrategicamente encenada por nós. Sendo assim, após as apresentações, questionamos esses alunos sobre alguns sinais que apareceram, propiciando uma maneira lúdica de aprender a língua utilizada pelos surdos. Valorizamos a questão visual e para tanto, primeiramente, ensinamos os sinais que estão presentes na história, usando os personagens da mesma e em seguida, para trabalhar os sinais relacionados com o contexto apresentado, mostramos ilustrações, ampliando para além do vocabulário usado na encenação. Ao final da atividade com as turmas, solicitamos que desenhem os personagens que

mais gostaram (pedir que a partir do desenho sinalizem o nome do personagem que escolheram) concretizando a atuação. No primeiro momento sempre questionamos se lembram da história contada na semana anterior, então os alunos sinalizam o nome da história e dos personagens que lembram. É possível perceber que esta ação tem como finalidade levar para essa comunidade ouvinte alguns elementos constituintes da comunidade surda como: a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e um pouco da cultura visual. Com isso, os alunos assim como os professores, que tem a presença deste surdo, conseguirão ter uma comunicação básica com ele e também irão entender algumas questões ligadas a diferença linguística e cultural entre ambos. Percebemos que já há um início da inclusão desses elementos devido à aluna surda frequentar uma escola para surdos e a professora ter o incentivo de ensinar para os demais alunos alguns sinais. As atividades do brincar de faz de conta tem contribuído na construção de elementos formadores da cultura e identidade surda. Formas de "ser surdos", vividas pelos personagens dos contos, propicia momentos de troca e de compreensão do outro. Deste modo, ao reconhecermos a criança como um sujeito social e que cada uma vive sua experiência de maneira singular, múltiplas infâncias, é necessário, conforme Roseli Hickmann (2002): [...] repensar nas várias dimensões do pedagógico no processo de escolarização de uma multiplicidade de "infâncias", uma vez que cada criança é proveniente de um meio sociocultural concreto, com uma bagagem prévia de conhecimentos originários da cultura vivida por ela, parte de uma memória individual e ao mesmo tempo coletiva. (HIKMANN 2002 p. 11). Deste modo, não estamos enfatizando apenas a questão da diferença entre o surdo e o ouvinte, mas também o reconhecimento de que somos diferentes. Através do brincar de faz de conta, jogo simbólico, que envolve a representação e considera a linguagem e a cultura como fator essencial para sua construção da ação simbólica pretendeu que, principalmente, os alunos se deem conta de que ser diferente não significa ser anormal. Queremos que percebam que a língua de sinais permite que os surdos construam uma comunidade linguística diferente da dele, pois são sujeitos linguisticamente e culturalmente diferentes, pelo uso de uma língua presente na Lei nº 10.436/02 a Língua Brasileira de Sinais - Libras.. Desta forma, compreendendo que o surdo se constitui um sujeito da experiência visual, que "fala com as mãos e ouve com os olhos", por essa ser uma das formas de obter informação e compreensão do que acontece no seu entorno. (SÁ, 2002). Considerando que, as crianças deste projeto estão em construção das suas concepções e de acordo com Jean Piaget (s.a) "[...] os jogos são buscados espontaneamente pelas crianças como meio de chegar à descoberta, inventar estratégias, pensar o novo, construir, agir sobre as coisas, reconstruir." (PIAGET (s.a) apud GARCIA, 2000 p. 52) acreditamos que

estes alunos poderão perceber a surdez não mais como falta, de deficiência vista nessa aluna surda, e sim passar a entender a surdez como uma característica cultural e indo ao encontro da concepção sócio-antropológica da surdez. Concepção que apresenta a surdez enquanto uma perspectiva da diferença linguística e cultural, desconstituindo a visão clínica. A autora Nídia de Sá (2002) destaca que: "A distinção entre surdos e ouvintes envolve mais que uma questão de audiologia, é uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a forma de ser." (2002, p. 49), ou seja, é uma diferença que vai além do não ouvir, por envolver comportamentos e costumes diferentes das pessoas ouvintes. Neste sentido, é imprescindível que um projeto educacional tome para si a compreensão da surdez não como uma questão de saúde, reduzida a um diagnóstico audimétrico de perda da audição e sim como uma compreensão antropológica do ser Surdo. Uma compreensão que abandona o viés patológico e resgata a perspectiva política, cultural e linguística, promovendo a discussão das políticas educacionais a partir da Pedagogia da Diferença. A construção e a execução deste projeto de extensão seguem os parâmetros de uma concepção antropológica da surdez, preservando o direito do aluno surdos ao acesso e desenvolvimento pleno a partir do uso de sua língua materna, a língua de sinais. Intencionamos criar nestes momentos de literatura e ludicidade, que o projeto propõe, trocas efetivas entre as crianças. HALL, Stuart . A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999. HICKMANN, Roseli. Estudos sociais, outros saberes e outros sabores. Porto Alegre: Mediação, 2002 GARCIA, Rose Marie Reis. Lúdica Infantil. In: Comissão Gaúcha de folclore: para compreender e aplicar folclore na escola. Porto Alegre: CORAG, 2002. 124 p. SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002